

MINHA VIDA COMO ESTRANGEIRA

Josefina R. Chirino*

Minha vida como estrangeira começou quando eu tinha dez anos de idade. Isso foi há quarenta e cinco anos atrás, e mesmo assim eu ainda me lembro de cada detalhe daquela curta jornada; e eu jamais me esqueci de qualquer sentimento daquele dia, ou dos dias subseqüentes àquele evento. Eu enfatizo a parte “estrangeira”, porque esse foi, e é o principal sentimento que acompanha a minha vida como exilada cubana. Aos dez anos de idade eu mudei; eu me tornei, de alguma maneira, separada, desligada, repudiada. Minha vida foi cortada, truncada e eu me tornei permanentemente a “outra”.

Os dias que precederam a minha partida foram repletos de segredo. Ainda que estivéssemos deixando o país através de meios legais, naquele momento do regime comunista de Cuba ainda não era sensato anunciar publicamente o êxodo de alguém, uma vez que o Estado poderia mandar policiais para revistar a sua casa a qualquer hora. Assim, nós levávamos secretamente qualquer coisa que tivéssemos para a casa de minha tia, na calada da noite. Quando eu via isso acontecendo, eu me sentia como uma criminosa: caçada, perseguida, maltratada. Eu não conseguia entender esses sentimentos, mas eles me perseguiram por muito tempo, ainda.

Alguns meses antes, a Polícia Estatal prendeu meu pai em uma ronda realizada em nossa cidade no dia posterior à Invasão da Baía dos Porcos.¹ Nós vivíamos em uma cidade pequena, então era de conhecimento geral que meu pai (que era procurador-assistente distrital) não era simpático ao governo de Castro. Ele renunciou a seu cargo quando percebeu que a Justiça não estava sendo íntegra, por assim dizer, nesse regime novo e totalitário. Era fácil para a polícia simplesmente prender, acusar e mandar para o pelotão de fuzilamento qualquer um, com ou sem causa.

Tenho que dizer, todavia, que a jornada que me trouxe para a terra da liberdade não teve nada de extraordinário. Foi um vôo curto, de trinta minutos, de Havana, Cuba, para o Aeroporto Internacional de Miami, no dia 18 de dezembro de 1961, seis dias antes do meu décimo aniversário. Não teve nada de extraordinário nisso, já que saímos legalmente do país, sob o *status* de refugiados políticos. Não teve nada de extraordinário nisso, exceto o profundo sentimento de perda quando eu coloquei a minha mão contra a do meu pai através de uma gaiola de vidro que separava aqueles que partiam daqueles para os quais o Estado não havia concedido os vistos de saída. Meu pai era um deles. Eu parti com minha mãe e minha irmã mais nova, sem saber se algum dia eu o veria de novo. A outra metade da família, meu irmão e minha irmã mais velhos, já havia deixado o país. Antes de embarcar no avião bimotor da Pan American que nos levaria para os Estados Unidos, fomos minuciosamente revistados e nossas malas foram reduzidas a duas peças de roupas por pessoa e absolutamente nenhum dinheiro ou jóias.

Trinta minutos depois, eu era uma estrangeira em uma terra estranha. Não havia nada de familiar nessa nova cidade, nada com o que me identificar, nada que pudesse me fazer pensar que eu poderia gostar daqui. De uma maneira muito interessante, foi no dia em que cheguei ao Aeroporto Internacional de Miami que a minha jornada realmente começou. Esse dia marca o fim da minha infância. Foi quando eu comecei a conhecer perda, raiva e confusão. Estranhamente, a terra que me

* O presente texto trata-se da tradução do original, em inglês, publicado na Revista REMHU – *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 15, n. 28, 2007, p. 231-236.

* Doutora em Teologia Aplicada. Presidente do Ministério de Teologia e Campus, Belen Jesuit Preparatory School, Miami, Florida. Coordenadora de Formação Missionária, Amor en Acción, Miami, Florida.

¹ A Invasão da Baía dos Porcos foi uma tentativa frustrada, realizada por exilados cubanos sob a direção da agência central de inteligência estadunidense (CIA), de depor Fidel Castro, em 17 de abril de 1961.

salvaria do totalitarismo de um regime comunista também me ensinou o medo e o ódio. No curto período de trinta minutos, a minha vida deu um giro de 180 graus e eu ainda não sei se eu consegui superar isso.

Eu nunca conhecera a necessidade; eu nunca sentira confusão, medo nem perda. Segura no calor de um lar amoroso, eu cresci totalmente certa de que as coisas eram do jeito que deveriam ser. Eu passava meus dias na escola ou brincando com meus primos pelas ruas de Consolación del Sur, minha pequena cidade natal, localizada na província de Pinar del Rio, em Cuba, onde todos sabiam quem eu era, e todos zelavam por mim. Se eu fizesse qualquer travessura, eu poderia contar com algum adulto me reprimindo ou ameaçando contar para minha mãe. Eu brincava principalmente no parque que era parte da praça onde ficava a nossa igreja. E que bela igreja. Ela era grande (ou pelo menos parecia gigante para os meus olhos de dez anos de idade) e cheirava a incenso e flores. E todo domingo a minha família inteira andava meio quarteirão para a missa das oito horas; e toda primavera eu participava da procissão na qual as crianças cantavam e levavam flores para Nossa Senhora; e em todo dia 2 de fevereiro a cidade inteira se vestia com sua melhor roupa para celebrar a festa de nossa padroeira, Nuestra Señora de la Candelária. Era um lugar seguro para crescer.

Minha chegada aos Estados Unidos da América foi marcada inicialmente pela alegria do encontro com meus irmãos mais velhos, dos quais eu estava separada há vários meses. No entanto, a realidade da vida como imigrante logo se mostrou. Inicialmente, nos instalamos em uma casa que dividíamos com outra família, e, ainda que essa experiência fosse nova, eu rapidamente me acostumei a dormir em beliches com outras garotas de minha idade. O inverno de 1961 foi particularmente frio e, como a polícia cubana havia confiscado os nossos pertences, ao deixarmos o país, nós não tínhamos muita roupa de frio. O vizinho mostrou compaixão e nos deu um cobertor. A minha família inteira não podia fazer nada a não ser exaltar essa ação extremamente generosa, que eu achei tão natural que pensei que um simples “obrigado” teria sido suficiente.

Depois eu percebi que a minha família viu essa ação como quase heróica. Eu rapidamente aprendi que a maioria das pessoas não era tão receptiva com aqueles que chegavam do Sul. Eu rapidamente aprendi que não saber inglês nos fazia tão diferentes que éramos realmente desprezíveis aos olhos de muitas pessoas.

Após um mês dividindo a casa com outra família, nós nos mudamos para uma que era só nossa. Durante esses primeiros anos, mudar de uma casa ou apartamento para outro era a regra ao invés da exceção. Ou o aluguel era muito caro, ou éramos convidados a nos retirar porque éramos muitos, ou os proprietários achavam que alugar para cubanos era o mesmo que acolher animais. As placas de “alugase” dos imóveis tinham o adendo: “não aceitamos cachorros ou cubanos”. Frequentar a escola pública se tornou uma pequena guerra pessoal. Uma vez que eu não entendia porque as outras crianças riam de mim, ou me zombavam, ou se negavam a me deixar brincar com elas, eu frequentemente reagia com violência. Outras vezes eu me retraía em meu próprio mundinho. Eu não entendia porque, de repente, eu era uma pessoa tão diferente. Eu não conseguia entender porque tudo era tão diferente. O que tinha de tão errado em falar espanhol com outra garota cubana na escola?

Além disso, ainda havia as dificuldades associadas à pobreza. Meus pais nem sempre tinham emprego, e nem sempre conseguiam colocar uma refeição na mesa para nós. Muitas das minhas roupas vieram da igreja da vizinhança, que periodicamente entregava sacos de roupas usadas para pessoas que passavam muito tempo na fila. Nós éramos muito pobres; nós não falávamos a língua local e não entendíamos a cultura. E, o que é ainda pior, a nação “acolhedora” não nos entendia. Nós éramos diferentes, nós éramos estrangeiros.

É nesse ponto que a minha jornada de fé começa. No meio dessa “diferença”, no cerne da minha grande confusão, no enorme deserto da minha perda, Jesus estava presente. Na verdade, Ele era mais que presente. Ele era ativo, engajado, envolvido em minha luta permanente na busca de um lar. Quando eu olho para os quarenta anos que separam a mulher que hoje sou da criança que eu era, eu consigo ver claramente como essa experiência de alteridade e a minha subsequente busca pela integridade haviam me preparado para e até mesmo haviam *determinado* meu encontro com Jesus, anos depois.

Meus pais conseguiram me colocar na escola paroquial (com uma bolsa de estudo, claro) quando eu tinha treze anos de idade, e comecei a freqüentar a missa nessa terra estrangeira. Havia algo naquela igreja, algo que eu não sabia o que era, mas agora eu sei bem. Era algo que me atraía tanto que eu comecei a ir sozinha para a igreja nos domingos, e simplesmente queria estar lá e me sentar naqueles bancos e escutar o que se passava. A igreja cheirava a incensos e flores. Eu *agora* sei que havia achado o meu lar. Esse era o único lugar no qual as coisas eram as mesmas que sempre foram. Esse era o lugar no qual as mulheres tinham que usar véus na cabeça (como em minha cidade natal) e os padres falavam em latim. Esses rituais eu conseguia acompanhar. Eu podia entender e até mesmo responder em uma língua que, ainda que desconhecida para mim, era terrivelmente familiar. Esse era o lugar no qual Jesus esperava por mim. Ele me trouxe aqui e me acolheu, mas eu ainda era muito jovem para reconhecê-lo. Esse reconhecimento só aconteceu anos depois. Nesse momento, eu só podia responder aos sentimentos de paz que esse lugar me trouxe. Por enquanto, Ele conseguira me levar até Ele através da familiaridade dos rituais da missa, e esse foi primeiro passo da minha jornada em Sua direção.

Eu fui para um colégio católico, e ainda que tenha amado a escola e os amigos que lá fiz, eu me formei querendo nunca mais pisar em uma igreja. Sem querer, eu associei a minha fé católica com meus educadores, e o que eles me ensinaram foi que a minha cultura – e, por extensão, a minha PESSOA – deveria ser desprezada. Eles mostraram desdém e desrespeito por qualquer coisa espanhola ou cubana e conseguiram me ensinar que Deus preferia as garotas anglo-saxãs porque o resto de nós, de alguma maneira, estava marcado pelo sofrimento. Depois de quatro anos de faculdade eu retornei à Igreja, porque o Bom Pastor colocou em meu caminho uma freira cubana, que falava como eu e me ensinou que, de qualquer modo, Jesus me amava pelo que eu era. *Que revelação!* Esse foi o segundo passo na minha jornada em direção a Jesus. Meus vinte anos de idade foram repletos com o entusiasmo daqueles que simplesmente se apaixonam e querem se entregar por inteiro ao amado. Eu tinha uma pequena comunidade de amigos na vida cristã que compartilhavam a minha recém-descoberta paixão por Jesus e Seu Reino.

Eu entrei e deixei a Vida Religiosa no espaço de dois anos. Comecei a lecionar em uma escola jesuíta. E quando eu viajei com um grupo de estudantes para a República Dominicana para realizar trabalho missionário com os camponeses daquele país a atração que havia sentido quando, ainda garota, comecei a ir à Igreja retornou. Lá eu comecei a me reconhecer nos rostos daquelas pessoas que estavam passando fome, nos sorrisos daquelas pequenas crianças sem perspectiva de futuro, nas rudes mãos castigadas dos lavradores que trabalhavam nos campos por quase nada. Eu também passei fome; em dado momento eu não tinha qualquer perspectiva de futuro; meus pais trabalharam no campo colhendo tomates.

Eu comecei a viajar frequentemente para essa e outras áreas pobres da República Dominicana, agora como membro de uma comunidade missionária laica, e quanto mais eu viajava, mais forte era a minha vontade de continuar a fazer esse tipo de trabalho, mais fortes os laços que eu construía, o amor que me unia àquelas pessoas. Essas jornadas missionárias me transformaram para sempre. Agora adulta, eu continuo a testemunhar os efeitos da injustiça, o que acontece quando um grupo de pessoas oprime outro grupo de pessoas. Eu continuo a testemunhar a dor da discriminação, da intolerância cultural, mas de uma perspectiva diferente.

Deixe-me explicar. Eu continuei a estudar e tenho um mestrado em Ministério Pastoral e um doutorado em Teologia Aplicada. Eu não sou mais a garotinha tímida que aceitava desdém e condescendência por não falar inglês corretamente ou por ter outra cultura. Eu tenho uma carreira bem-sucedida como educadora. Eu não sou mais a oprimida. Ainda assim, meu contato com os pobres me conecta com aquela garotinha que sentia medo, que se sentia perdida, e que não entendia. Eu sei como é viver em casas cheias de gente; eu sei como é ter que dormir com fome; eu sei como é ser menosprezada por algumas pessoas porque você não é como elas – e ainda é culpada por isso; eu sei como é ter pais desempregados; e qual é o sentimento quando outros pensam que sua família é preguiçosa porque eles não conseguem encontrar trabalho; eu sei como é perder o lar, a família e tudo que é familiar. Minha vida como imigrante e exilada cubana foi o instrumento que Deus escolheu para me preparar para ser missionária. Minha vida como missionária nas áreas mais pobres na República Dominicana e no Haiti foi a minha salvação. Meu contato com os pobres se tornou uma fonte de graça porque neles, eu não só me encontrei, eu também encontrei o Cristo crucificado, o Cristo sofredor, o Cristo que não quer que ninguém esteja perdido ou faminto ou desiludido; o Cristo que morreu para que reconheçamos a injustiça quando a virmos, e quando a virmos, façamos algo para combatê-la.

Agora eu sei que durante as minhas lutas como imigrante, como uma estrangeira em uma terra estranha, Jesus estava segurando a minha mão e me preparando para o que Ele realmente queria de mim. Minha vida deu uma volta completa. O que eu pensei que fosse o pior momento da minha vida foi na verdade a hora mais abençoada, porque a minha experiência de vida mostra que Deus está tão presente durante o pior quanto no momento mais sagrado.